

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha)	800 reis	JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA	Por anno (Portugal e Hespanha)	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral		Redactor	Provincias ultramarinas, e União geral	
dos correios . . . . .	1\$100 »	A. PEIXOTO DO AMARAL	dos correios . . . . .	1\$500 »
India, China e America.	1\$280 »	Typ. de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Numero avulso . . . . .	100 »

## SUMMARIO

Provisão do Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio Barroso—  
Provisão do Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Bispo  
do Algarve—Provisão do Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bis-  
po do Funchal—Devoção a *Mária, Mãe de  
Deus e Mãe dos homens*—SECÇÃO DOCTRINA-  
L: *As grêves*, pelo snr. A. Peixoto do  
Amaral; *A communhão frequente*, pelo snr.  
A.—SECÇÃO CRITICA: *Instantaneos*, pelo sr.  
Aristarcho; *Socialismo, christianismo e ca-  
tholicismo*, pelo snr. A. Salvador Ferreira;  
*O recolhimento do Bom Pastor*.—SECÇÃO  
HISTÓRICA: *O convento e freguezia de Man-  
cellos—Situação e descripção*, pelo rev. pa-  
dre José Victorino Pinto de Carvalho; *Os  
Papas de Avignon*, pelo snr. A. Peixoto do  
Amaral.—SECÇÃO LITTERARIA: *Primasia e  
naturalismo* (poemeta) pelo snr. Oscar Lu-  
so; *Milícia Christã*, pelo rev. dr. José Ro-  
drigues Cosgaya; *Supplica a Maria* (poe-  
sia), pelo snr. A. Moreira Bello.—*Peregrina-  
ção portugueza* (duas cartas de Roma),  
pelo snr. S.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *A resur-  
reição da filha de Jairo*; *Vocação de S. Ma-  
theus*.—SECÇÃO NOTICIOSA.

**Gravuras:** *A resurreição da filha de  
Jairo*; *Vocação de S. Matheus*.



A resurreição da filha de Jairo

**D. ANTONIO JOSE DE SOUZA BARROSO, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, Prelado Assistente ao Solio Pontificio, do Conselho de Sua Majestade Fidelissima, Par do Reino, etc.**

**Aos que esta Nossa Provisão virem saude,  
paz e benção em Jesus Christo**

*Fazemos saber que pelo editor catholico José Fructuoso da Fonseca Nos foi exposto que tendo publicado em 1893 as Cartas Encyclicas do Santo Padre Leão XIII, e que desejando continuar com esta publicação revista pelo Presbytero Manoel Marinho, Nos requeria a respectiva auctorisação: E attendendo Nós ao fim louvavel do requerente, e ao zelo e illustração do Rev. Manoel Marinho;*

*Havemos por bem não só consentir na publicação das Cartas Encyclicas do Santo Padre Leão XIII como recommendá-las aos fieis e sobretudo ao Clero d'esta Nossa Diocese.*

*Dada no Porto e Paço Episcopal, aos 26 de janeiro de 1900, sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas.*

*ANTONIO, Bispo do Porto.*

---

Tendo o editor catholico—José Fructuoso da Fonseca—residente na Cidade do Porto, publicado em dois volumes muitas das **Encyclicas do SS.<sup>mo</sup> Padre Leão XIII**, ora felizmente reinante na Igreja de Deus, propondo-se publicar em um terceiro, já no prelo, as demais Encyclicas: E considerando Nós quanto convem aproveitar meio tão prompto e facil, para o conhecimento pleno e cabal de tão excelsos e valiosos monumentos de profundissima sabedoria e zelo infatigavel do Glorioso Pontífice, a bem da salvação das almas e dos verdadeiros e legitimos progressos da sociedade humana: Havemos por bem recommendar aos Nossos caros diocesanos e, com especialidade, ao Reverendo Clero, a leitura de uma obra de tão elevada importancia, e cuja publicação fôra competentemente auctorisada.

*Dada no Paço Episcopal de Faro, aos 8 de Março de 1900.*

*ANTONIO, Arcebispo Bispo do Algarve.*

---

**O Bispo do Funchal ao Clero e Fieis da sua diocese, saude e paz em  
Jesus Christo, nosso divino Redemptor.**

Ha já annos que o Editor catholico da cidade do Porto, José Fructuoso da Fonseca, empreendeu a publicação em volume das notaveis cartas **Encyclicas do nosso Santissimo Padre, o Papa Leão XIII**; e agora se propoz continuar esta empresa, que é tão util como louvavel. Com effeito ninguém ha que não conheça a sublime personalidade do Papa, em o qual não sabemos que mais admirar; se a sciencia profunda, se a piedade fervorosa, se a prudencia consummada, se o zelo vivissimo e constante. E assim que immenso valor hão de ter todos os documentos por Elle produzidos, durante o seu longo e brilhantissimo Pontificado! Pois ahi se traduz aquella alma privilegiada, enriquecida copiosamente pelos dons da natureza, esmaltada pelos thesouros da graça; e d'uma graça especial que Jesus Christo dispensa ao seu Vigario.

Desde a sua exaltação á cadeira de S. Pedro que o Papa vem fallando aos principes e aos povos, para premunil-os contra os graves perigos do tempo presente, que consistem particularmente nas doutrinas dissolventes, propaladas com terrivel insistencia pelos apostolos da anarchia, filiados em associações criminosas, manobrando nas trevas e á luz do dia com audacia e pertinacia devéras temerosos—Como aos reis e aos povos, tem o Papa fallado aos Bispos e aos Sacerdotes estimulando-os ao combate e instruindo-os no melhor systema de batalhar, qual é o estudo aturado das sciencias theologicas, philosophicas e moraes, bebidas nas mais puras fontes; na disciplina austera e salutar que ensinam os mestres da vida espiritual.

Aos membros das Congregações religiosas tem o Pontífice animado, dirigido e louvado para os collocar na vanguarda do exercito da Igreja, onde todos devemos reconhecê-los e segui-los. E porque também elles são os que correm lá ao longe para dissipar as trevas do erro e semear a moral christã nos paizes infieis, quer Leão XIII que todos offereçamos o auxilio material que reclamam as missões.

Como tem fallado ás igrejas dissidentes para convidal-as a virem reunir se á Santa Igreja Catholica romana, mãe e mestra de todas as igrejas! Com as entranhas de pae carinhoso e com a auctoridade soberana de Mestre infallivel. Com inexcédivel interesse e paternal carinho se tem dirigido aos operarios, esta porção numerosa do rebanho, para os persuadir de seus deveres, aconselhando-lhes a paciencia ao trabalho, a submissão aos superiores, a pratica da religião e o amor da familia.

Em summa, não tem escapado ao Pastor vigilante uma só das necessidades do rebanho que não tenha procurado remediar, e por isso as suas Encyclicas são compendios luminosos que todos devemos manusear; lições indispensaveis na epocha presente, de modo especial ao Clero para saber também prégar e desempenhar-se condignamente de seu alto ministerio.

Agradecimentos e louvores ao catholico Editor por sua bôa empresa.

*Funchal 2 de Maio de 1900, sob nosso signal e sello.*

*MANUEL, Bispo do Funchal.*



## DEVOÇÃO A MARIA

*Mãe de Deus e Mãe dos homens*

*Pensae em Maria.*—Para salvar muitas almas expôz a sua á morte (Guil.) Maria é toda amor para conosco, porque nos adoptou por filhos (ap. S. Lig).—Maria vem em nosso auxilio antes de a invocarmos (Ric. in cant. 4, 5).

*Invocae a Maria.*—Dize, ó minha alma: «Maria, querido fundamento da minha esperança, tu amas-nos incomparavelmente mais, e procuras o nosso bem com maior ardor do que uma mãe carnal (S. Boav.).»

*Alegrae a Maria.*—Por uma verdadeira, firme, devota, filial e constante confiança na maternal, dulcissima, segurissima e total protecção de Maria. *Não soffrerá as penas eternas aquelle* por quem Maria uma vez orar (S. Ans.).

*Pensae em Maria.*—A bondade d'esta Mãe, a sua misericordia a sua fidelidade, a sua caridade com os homens era tanta, que não ha palavras que a possam explicar. (Blosius). Ainda que ella me fira, eu hei-de sempre esperar no seu patrocinio; desejo, cheio de confiança, morrer junto da sua imagem, e hei-de salvar-me (S. Boav.).

*Invocae a Maria.*—Salva-me, dulcissima Senhora, que possues um dulcissimo fructo, que attraes dulcissimamente os corações, que prodigalisas dulcissimos bens, que promettes cousas dulcissimas e que tornas dulcissimos os corações (S. Ansel. Luc).

*Alegrae a Maria.*—Traz sempre por toda a parte contigo a imagem de Maria, oscula-a muitas vezes, e tem cuidado de a trazeres como um signal sobre o teu coração. *Não soffrerá as penas eternas aquelle* por quem Maria uma vez orar (S. Ans.).

## As greves

**N**EM sido muitas as greves que ultimamente tem havido no Porto. Ora tudo isto vem provar á evidencia quanta razão tinha o excelso

Pontifice, em querer estabelecer regras para harmonisar o *modus-vivendi* entre operarios e patrões.

Cada qual quer ter as suas regalias, não se importando do seu semelhante. Todos se lembram que teem direitos, mas ninguem se lembra de que tem deveres a cumprir. Os operarios querem oito horas de trabalho, e querem um salario condigno para sustentarem as suas familias, sem primeiro inquirirem se os patrões terão meios para, tirando os juros do seu capital empatado e a remuneração para si e suas familias, lhes poderem satisfazer esses aliás justissimos desejos.

Os patrões, por sua parte, olham só aos seus interesses, e não se importam se os operarios ganham o sufficiente para se sustentarem a si e aos seus. Isto, com rarissimas excepções, é o que se está geralmente vendo. Tratando de se locupletar, segundo as maximas do seu egoismo, exploram alguns industriaes os seus operarios, fazendo-os trabalhar mais do que realmente podem, e não se importam depois com os seus queixumes.

Tudo isto tinha remedio, se patrões e operarios se compenstrassem das maximas do Evangelho, e da sublime doutrina de Jesus Christo, que manda dar a Deus o que é de Deus, e a Cezar o que é de Cezar. Mas as doutrinas socialistas teem desarranjado muitas cabeças, e devemos convir em que muitas vezes a razão não está da parte dos operarios, embora á primeira vista pareçam tel-a e de sobejo. E' factio que, na sua grande maioria, estão mal remunerados, e que em alguns estabelecimentos fabricis se abusa da auctoridade, obrigando-se os operarios a muitas horas de trabalho consecutivas, e multando-os a cada passo, ás vezes pelo mais futil motivo, quando não é injustamente feita a multa, e d'ahi o descontentamento, pois que auferem pouco e trabalham muito.

Mas tambem por vezes succede, e isso é um mal, tomarem todos os operarios o partido por um collega que se sentiu justa ou injustamente agravado, e largarem todos o trabalho, sem se recordarem de que, com essa resolução repentina, vão prejudicar os patrões que tinham compromissos a satisfazer, e não podem n'essa occasião dispensar o seu trabalho, sem grave damno para si, e para os seus interesses. E todos os operarios se devem compenetrar de que devem respeito e obediencia a seus superiores, e que carecem d'elles para viverem. E o mal augmenta, e o préjuizo sobe de ponto, quando os grevistas

não são geraes, não prefazendo e totalidade, mas sim a maioria, e vão esperar á porta os que ficam fieis aos estabelecimentos e querem trabalhar, para sustentar suas familias, não os deixando entrar para as officinas.

Lembrem-se, pois, todos, industriaes e operarios, que devemos todos auxiliar-nos mutuamente e que tanto carece o patrão do operario, como o operario do patrão. Deve o industrial amar o seu operario, lembrar-se de que lhe deve protecção e amparo, e que, recebendo d'elle a mão d'obra que lhe permite satisfazer os seus compromissos, e o andamento do seu estabelecimento, deve remunerar-o condignamente para elle provêr á sua subsistencia e aos encargos que lhe estão annexos.

E os operarios, se não tivessem a arrogancia com que muitas vezes se querem impôr, se pedissem com bons termos, sollicitando a attenção dos superiores para os seus pedidos, teriam conseguido o que desejavam, embora essa graça fosse concedida a pouco e pouco.

Oxalá que a divina Providencia, amerciando-se do actual estado de coisas, consiga insinuar no coração do povo a santissima lei de Jesus, e tudo será remediado, porque só quem ama a Deus, e segue os seus mandamentos é que se pôde considerar verdadeiramente feliz n'este mundo.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## A communhão frequente

**A**NNUNCIA a imprensa catholica que S. Sanctidade honrou ha pouco, com um breve de approvação o P. Coubé S. J., por este ter provado com copiosos argumentos theologicos e historicos, no congresso Eucharistico de Lourdes, que a *communhão se-manal deveria ser pratica, não de algumas almas escolhidas, mas sim de todos os fieis em geral*. A these do insigne jesuita já havia sido approvada por quarenta e cinco Bispos de França.

No referido breve Leão XIII diz o seguinte: «Os que trabalham pela firmeza da fé e reforma dos costumes, muito bem fazem em excitar os fieis a approximarem-se o mais frequentemente possivel da mesa do Senhor, pois que quanto mais a frequentam tanto maiores serão os fructos de sanctidade que hão-de alcançar».

Estamos intimamente convencidos de que a these do sabio religioso será n'um futuro mais ou menos proximo convertida em feliz realidade; e então, será immensamente admiravel

e consolador o espectáculo que offerirá a sociedade, quando cada um dos seus membros se approximar semanalmente da Mesa Eucharistica, para se alimentar do corpo Santissimo d' Aquelle que é luz, verdade e vida. Felizes d'aquelles que logram vêr tal maravilha que será por sem duvida um dos esplendurosos distinctivos do reinado social de Nosso Senhor Jesus Christo.

Graças ao zelo e illustração d'uma grande parte do clero secular e de todo o clero regular, são muitos já os fideis que commungam com frequencia. A estes, para que perseverem em tão santo como util pratica, e incitem outros a imital-os, alem das palavras acima referidas de Leão XIII, as quaes afinal traduzem o sentir da Igreja de todos os tempos, offerecemos as seguintes de S. Francisco de Salles, que tão admiravelmente explicam a these do P. Coubé. Eil-as.

«Se o mundo vos perguntar porque commungaes tantas vezes, dizeilhe, que é para apprenderdes a amar a Deus, para vos purificardes de vossas imperfeições, para vos livrardes de vossas miserias, para procurardes consolação a vossas penas e vos sustentardes em vossas fraquezas.»

«Dizei ao mundo que duas classes de pessoas devem commungar muitas vezes: os perfeitos, porque estando bem dispostos soffriam grande damno por não se approximarem da fonte da perfeição, e os imperfeitos afim de aspirarem á perfeição; os fortes com receio de enfraquecerem, e os fracos afim de se fortificarem; os que têm saude para se preservarem de todas as doenças, e os enfermos para conseguirem a sua cura; dizeilhe, pois, que vós, sendo, como sois, do numero dos imperfeitos, dos fracos e dos enfermos, tendes necessidade de receber muitas vezes o auctor da perfeição, o Deus da força, o medico da vossa alma.»

«Dizei ao mundo, que os que não andam muito occupados com os seus negocios, devem commungar com frequencia, porque têm tempo para isso, e os que andam muito occupados, tambem o devem fazer, porque vivendo sobrecarregados com trabalho excessivo, maior necessidade têm d'um alimento solido.

«Dizei emfim ao mundo que commungaes frequentemente, porque não se faz bem uma cousa, que raras vezes se faz.»

Assim falla o grande doutor da Igreja, que é um mestre incomparavel n'este assumpto.

A.

## SECÇÃO CRITICA

### Instantaneos

O sr. Firmino Pereira, publicando no *Diario da Tarde* de 12 do mez findo um artigo biographico ácerca da actriz Virginia, diz que um actor lhe dissera ser ella «uma santa», por ser compassiva, boa e carinhosa para com todos; e acrescenta que em vista d'isso «Virginia tem incontestaveis direitos a que Roma *confirme* a canonisação feita pelo artista, mesmo porque, todos quantos se honram com a sua amisade, de ha muito lhe erigiram um altar nos seus corações.»

Que pena que os soldados de infantaria não a tenham conhecido, porque n'esse caso, quando o regimento estivesse formado, pareceria uma cathedral, tantos eram os altares erigidos á *diva*, canonisada pelos collegas compassivos!

Um jornal d'esta cidade traduz do *Journal*, folha que se publica em Paris uma noticia curiosa. Diz que existe actualmente em New-York um medico chamado Charles Smith, que conta nada menos de 124 annos, pois que nascera em 1776. Accrescenta que exerceu a clinica durante 50 annos, e que deve a sua assombrosa longevidade ao facto de ter descoberto em 1869 no estado de New-Jersey «uma fonte, cuja agua, devidamente analysada, reconheceu ser semelhante á famosa *pura* persa, a agua das sete virtudes, que dá a quem a bebe, a certeza de se tornar centenário».

Esta noticia é deveras curiosa! Onde iria o homem descobrir a famosa agua, que se não era a *fons juventutis*, era com certeza a *fons vitae*? Mas, se essa fonte fosse do dominio publico, ninguem morria novo em New-Jersey! E que grande commercio não havia de ter essa terra, exportando garrafas de agua *pura*, para toda a parte do mundo!

Por outro lado, se o homem fez essa descoberta em 1869, já contava por essa occasião 93 annos; logo era quasi secular, pois que apenas lhe faltavam 7 annos, para completar o seculo. Quem nos diz a nós, que elle carecia da sua descoberta para chegar á idade a que chegou?

Apezar porém d'esta noticia ser uma perfeita paranhice, é pena que o *Journal* não indicasse ao certo a localidade onde existe a *preciosa fon-*

*te*, visto que o estado de de New-Jersey é muito grande. Mas ainda mesmo que a fonte estivesse inteiramente inaccessible, isto é, a cem metros abaixo do chão, ou sobre uma rocha escarpada, distante um kilometro da terra, era facil dar com a abençoada povoação, pois que bastaria olhar para as cãs dos seus felizes habitantes, e para a ausencia total das agencias de enterramentos...

Elle sempre há cada um por esse mundo!

\* \* \*

Lê-se na *Provincia* de 17 de maio findo:

«*União christã da mocidade portugueza*. — Na praça do Coronel Pacheco, hoje, ás 9 horas da noite, em ponto, realisa-se a 5.<sup>a</sup> conferencia popular de 1899-1900, dedicada aos alumnos das aulas nocturnas, sob o thema «Duas palavras sobre sabão», pelo unionista sr. José de Vasconcellos Lima Junior, conductor d'obras publicas pelo Instituto do Porto.»

Ora o unionista sr. José, a dizer duas palavras sobre sabão, devia parecer, mal comparado, a celebre estatua de Nabuchodonosor feita d'ouro, mas firmada sobre pés de barro.

Mas, valha a verdade. O assumpto é bem cabido, porque aquillo está a pedir sabão!... Sabão e vassoura.

\* \* \*

O *Diario da Tarde* de quarta-feira 16 de maio, extrahе uma noticia da *Medicina contemporanea* de Lisboa, em que o Dr. Bombarda (o insultador da Religião, que tão bem combatido foi pelo Rev. Sant'Anna que se elevou á verdadeira altura da sciencia), dando os sentimentos ao Dr. Eduardo de Souza por este ter sido demittido de medico d'uma associação de soccorros mutuos do Porto, por se ter tornado saliente na questão da *peste*, declarou que um outro medico tambem fôra demittido d'uma ordem terceira do Porto, *por ter declarado um caso de peste* (sic), mas que fôra readmittido por ordem do conselho de saude e hygiene.

Resultado da questão: O «Commercio do Porto, de sexta-feira 18. dois dias depois, publicava que, por sentença da auditoria administrativa do districto do Porto, fôra desatendida a reclamação do dr. Chaves d'Oliveira, contra a resolução da meza da Ordem Terceira do Carmo, sendo o referido clinico condemnado nas custas e sellos do processo.

E em vista da referida sentença,

resolveu a meza da Ordem, na sua ultima sessão, dispensar o referido clinico do serviço que exercia interinamente.

De forma que, quando o *Diario da Tarde* entoava *hossanas*, não commentando a noticia do dr. Bombarda, já o medico em questão, estava definitivamente demittido do seu cargo.

*Sic transit gloria mundi!*

\*  
\* \*

O correspondente de Barcellos para a *Voz publica*, indigna-se na sua carta publicada em 18 do mez findo, porque as meninas da primeira sociedade fazem peditorios, para festividades religiosas, e depois de dizer quatro coisas da sua lavra contra esse *desaforo*, aconselha-as a rezar, porque Victor Hugo disse que «orar era elevar o espirito a Deus»; e conclue por dizer que é *deista*, e não gosta de *estardalhaços*.

E no dia seguinte (19), apparece publicada no *Primeiro de Janeiro* uma correspondencia de Coimbra, em que se noticia que os estudantes do quarto anno de medicina vão distribuir uma carta-circular, pedindo objectos para uma *kermesse*, sendo destinado o producto... para elles se banquetearem com um lauto jantar no Bussaco, solemnizando o termo das aulas.

E que me dizem ao da viola? Que diria a isto o conspicuo correspondente de Barcellos para a *Voz publica*?

Naturalmente achava muito mais digno e razoavel que se concorresse com um obulo para a pandega dos estudantes, e se recusasse a esmola que as senhoras pediam para abrihantar uma festividade religiosa, que solemnizava um dogma do christianismo, ou um mysterio da Santissima Virgem.

E seja a gente juiz, com semelhantes mordomos!

*Aristarcho.*

## Socialismo, christianismo e catholicismo

(Continuação)

Pois, em quanto não reinar Deus em nossas almas, todo bem, não pôde haver felicidade, nem tranquillidade n'ellas. Deus e almas humanas, verdade são tão sublimes, que não nos podem deixar de collocar a salvação antes de tudo. No meio de tantas derrocadas, como se vae desde ha muito vendo, nós devemos tomar a peito

Deus e alma. Salve-se, pois, quem poder salvar-se, assim. E a peito Deus e alma!...

Seja Deus e a alma o nosso unico estudo. Tomemos a firme resolução de testemunhar a Deus o mais profundo respeito, — e a suas infinitas perfeições. E tenhamos horror a todo e qualquer peccado.

Conhecer a Deus é a sciencia mais necessaria. Depois a nós.

Reminencias do lyceu nos definem almas, eu, ou espirito, a substancia ou sujeito pessoal, a quem naturalmente referimos, como a um principio e centro commum, todos os factos e acções que se passam dentro em nós. Por conseguinte não esqueçamos que nós devemos primeiramente trabalhar por nos santificarmos a nós mesmos para santificar perfeitamente os proximos. Santa Catharina de Sena dizia, que se alguém podesse ver a belleza de uma só alma, queria morrer cem vezes em cada cem dias unicamente para salvá-las, se preciso fôsse. A fé mostra o que nos é preciso fazer para nos salvarmos todos: ponhamos em harmonia essas obras com nossa fé; porque as obras não servem para merecer premios eternos sem as vistas da fé.

Deve ser razoavel a nossa fé. Se alguma pessoa imaginasse o projecto de apoderar-se do sol para tirar-lhe a luz perderia seu tempo, e não passaria de um louco; pois o sol não soffre violencias da nossa parte. Mas se houvesse no vosso pomar uma qualquer arvore carregada suavemente de bellos fructos, seria possivel chegar a elles por algum meio. Deus quer e deseja que os homens todos sejam salvos (1 TIM. II, 4): logo todos nos podemos salvar. E a Igreja condemnou as heresias que pretende que Deus nos destina uns á felicidade, outros á condemnação eterna. Consoladora verdade para cada um de nós! 1.º, porque aquellas pessoas que houverem conservado sua innocencia baptismal, ou não tiverem commettido peccado algum mortal, podem, com a graça do bom Deus, perseverar n'este feliz estado e salvar-se: 2.º, porque alguém que peccou gravemente, mas depois se reconciliou com Deus, pode, com a graça divina, conservar-se n'este feliz estado e salvar-se: 3.º, porque, ainda o mais peccador de todo este mundo pode converter-se, com a graça do bom Deus, e tornar-se digno da eterna felicidade. Tal ereito, assim tão feliz, é caso para se bradar sempre: oh! meu Deus, oh! meu Jesus, dae-me Vossa estimabilissima graça pela Vossa estimabilissima cruz. Livrae-me do mau humor, — do não bom amor, — da má fé, sensibilidade ou memoria, — má esperanza, intelligencia ou entendimento, e má von-

tade, falso amor, e caridade não perfeita. E da inveja tambem das mercês que Deus faz a outrem, contra o maior grau das virtudes evangelicas, a caridade angelica e divina de rogar a Deus por vivos e fallecidos, ensinar os ignorantes, consolar os tristes, castigar a quem erra, perdoar as injurias pelo amor do bonissimo Deus, soffrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo, — da critica mordaz e mau criterio. Finalmente da preguiça mãe dos males, de trabalhar e servir a Deus, de conhecer e amar a Deus com gosto e paciencia. Preguiça e ambição tudo matam quando se ajuntam!...

Voando similhantemente pelos mais capitalissimos pontos de tão magnifico thesouro do saber divino e humano de Leão XIII, firmando nossos passos, e tão rasoavel em seus conceitos, Elle nos vae regendo as nossas mãos. E mais adeante nos diz assim:... «entre todos os Doutores escolasticos brilha, como astro fulgurante, e como principe e mestre de todos, Thomaz d'Aquino, o qual, como observa o Cardeal Caetano, «por ter venerado profundamente os santos Doutores que precederam, herdou, de certo modo, a intelligencia de todos». Falou o boi mundo, como chamavam a Thomaz d'Aquino seus escarneedores, ou do seu douto silencio. E seus douts gemidos retumbaram por todo este mundo.

(Continúa).

AGOSTINHO SALVADOR FERREIRA.

## O recolhimento do Bom Pastor

HA dias, o *Norte* folha maçonica que se publica n'esta cidade, trazia a publico uma historieta tão incrivelmente inacreditavel, a proposito d'uma rapariga que se dizia victima das seducções do rev.<sup>mo</sup> padre capellão d'aquella casa de caridade, que enojou todas as pessoas virtuosas que a fundo conhecem aquella respeitabilissima instituição.

Tratava-se d'uma rapariga que o pae, para a regenerar, metterá n'aquella santa casa, tendo passado um documento á benemerita superiora, e que ella ainda hoje conserva em seu poder. A rapariga, que não queria viver sopeada, e desejava *flanar*, como até ali tinha feito, fugiu do recolhimento. Passado tempo voltou o pae com ella, e tanto pediram á bondosa superiora, que ella, accedendo, de novo a recolheu. Mas o demonio que não cessa de tentar os máos e de affligir os bons, fez com que ella fugisse de novo e viesse cá para fora calumniar os seus prote-

ctores. E de que se havia de lembrar a infeliz? De accusar o rev. padre capellão, fazendo d'elle o seductor *d'aquella innocencia*; e para a vileza e infamia ser maior, accusaram tambem a superiora, denunciando-a como instigadora d'aquella abominavel torpeza.

Como, porém, esta historietta não fosse accreditada, 1.º porque não era crível que uma senhora cheia de abnegação, que deixou tudo para servir os pobres, quizesse desfazer n'um momento tudo quanto tinha feito, indo patrocinar a lascivia d'uma pessoa extranha; 2.º porque estava tão radicada no conceito de todos aquella santa casa, — a todos parecia impossivel similhante abominação.

Tirou-se o nosso collega a *Provincia* dos seus cuidados, e foi indagar do facto. E a verdade sahiu brilhante como o sol. Era tudo um acervo de calumnias, de infamias, de necedades, de torpezas. O unico facto que havia verdadeiro em todo este escandalo era a má vontade de toda a seita maçonica, contra a religião de Jesus Christo.

Veio depois o nosso presadissimo collega o *Commercio do Porto* mostrando os serviços que aquella prestantissima instituição está prestando, e como por milagre, de todos os lados accorreram pessoas caridosas que deram o seu obulo para augmento d'aquella benemerita casa.

Vendo os negros sectarios que cahia por terra o castello de cartas que com tanta inhabilidade haviam formado, lembraram-se d'outra historia. Fallaram d'uma senhora que ahi estava recolhida e a quem não deixavam que seu filho a visitasse... Averiguado o facto, soube-se que era uma filha de que se tratava, e tanto a mãe a podia ver a qualquer hora que quizesse, que ella estava tambem dentro do recolhimento! E o amor d'essa mãe era tamanho, que abandonou a filha e foi para a terra, sem mais querer saber d'ella!

Por aqui se avalia da sanha de que estão possuidos os energumenos que tentaram por todos os meios ao seu alcance fazer desacreditar no conceito publico as pobres senhoras, cujo unico crime é amarem a Deus sobre todas as coisas, e ao proximo como a si proprias!

Mas a cidade está com ellas. As esmolas augmentam, as preces continuam a subir ao throno do Omnipotente para que se digne augmentar aquella prestantissima instituição e todos os corações se unem para suavisar as agruras de tão injustas como damninhas agressões.

Parece incrível tamanho odio! Sa-

biamos que o mal sempre luctou contra o bem, e até certo ponto não extranhámos que, tomando a nuvem por Juno, acreditassem nas queixas piegas que foram fazer á redacção do «*Norte*»; mas julgavamos que, logo que se capacitassem de que haviam sido mal informados, dessem a mão á palmatoria, e confessassem o seu erro, ou pelo menos pozessem ponto no assumpto.

Mas nada d'isso fizeram. Não só não se penitenciaram da calumnia que assacaram ao capellão innocente, e ás pobres senhoras, indignamente insultadas, mas calcando no coração a raiva de se verem desmentidos mais se enraivecaram, e eil-os a imaginar casos tetricos, mas tão infelizes que cada batida que dão é mais um documento de gloria para a instituição, porque as ballas que atiram, a elles proprios vão ferir.

Ficamos por aqui hoje, convictos de que nada fazem os inimigos da fé, contra o poder de Deus. Todos conhecem os processos da maçonaria, e aos proprios amigos dos livrespensadores temos ouvido censurar tão iniqua como desleal campanha, contra aquellas santas senhoras que administram o recolhimento do Bom Pastor.

## SECÇÃO HISTORICA

### Convento e freguezia de Mancellos

#### CAPITULO II

##### Memorias historicas

##### I

A Egreja d'esta freguezia tem a invocação de S. Martinho. Era commum aos frades e aos parochos, o que deu logar a frequentes desintelligencias, e até questões graves, como veremos.

Está situada bem no meio da freguezia, com um largo terreiro em frente. de forma quadrada, e muito embelesado no tempo dos religiosos, segundo dizem.

Duas vistasas fontes, que ainda existem, dispõem grande copia de agua, e adornavam-no em volta estatuas de pedra, representando os apóstolos, de que só existem inteiras duas, que mandei collocar no portão do cemiterio.

A Egreja e o convento são obra antiga. Fundou-os em 1120, sendo D. Affonso Henriques ainda infante, Mem Gonçalves da Fonseca e sua mulher D. Maria Paes de Tavares.

A *Nobliarchia* portugueza, fallando d'este personagem, diz que não tem

n'este reino casa titular; passaram-se os principaes a Castella, no tempo de D. João 1.º, e fundaram a casa dos marqueses de Orelhana e outros morgados.

Este Mem Gonçalves, descendente de Garcia Rodrigues, rico-homem do tempo do Conde D. Henrique, foi o primeiro, que se appellidou Fonseca; pelo que disseram alguns ser este convento padroado dos FONSECAS.

##### II

E'este convento de Mancellos um dos mencionados na Bulla do Papa Calixto II ao Bispo D. Hugo, cuja origem é a seguinte: Em quanto a dignidade pontifical do Porto esteve sem Prelado, usurparam-lhe os bispos comarcãos (Braga e Coimbra) muitas terras.

Em 1114 foi apresentado Bispo do Porto D. Hugo que, tractando de recuperar as terras usurpadas, encontrou opposição no bispo de Braga D. Pelagio. Em vista d'isto foi necessaria a intervenção dos Pontífices Paschoal II e Calixto II, que obrigaram os bispos de Braga e Coimbra a restituir as terras de que indevidamente estavam senhores.

O Breve do Papa Paschoal assignala á diocese do Porto os limites seguintes: Da foz do rio Ave, onde se mete no mar Oceano, e por elle acima, até o rio Vizella, e pelo Vizella até o arco de Pombeiro, e d'ahi a Anta de Femam, e d'ahi a monte de Eguas, d'ahi ao monte do Maram, d'ahi ao rio Campeam, e por esse rio, assim como corre, até o Bandugio, e pelo Bandugio assim como se vae meter no Corrego, e pelo Corrego até o Douro. D'ahi passando o Douro á Pesqueira, e pelo monte grande até o rio Antão, e por esse rio, assim como desce ao mar oceano.

Este Breve é de 1115.

O Breve de Calixto II declara os mosteiros, que estavam dentro d'estes limites, os quaes o Summo Pontífice sugeita á jurisdicção do Bispo D. Hugo.

Entre estes mosteiros é contado o de Mancellos e o de Freixo, seu visinho, de que fallarei adiante.

##### III

Teve este mosteiro privilegio de Couto, que lhe foi dado por D. Affonso Henriques. Este monarcha, que foi liberalissimo para com as ordens religiosas, nem sempre dispensou estas liberalidades só «por amor de Deus e seus sanctos, o remedio da sua a'ma, e a remissão de seus paes». Vendeu-as alguma vez, e este mosteiros é d'isso um exemplo.



### Vocação de S. Matheus

Existio no cartorio do Convento de Amarante um documento, do qual constava que, em 1131, coutou D. Affonso Henriques o mosteiro de Mancellos, com as terras que lhe eram contiguas, recebendo por esta mercê *duzentos modios*, e por attenção a Gondezendo Nunes, Sueiro Pimentel, Raymundo Garcia e Pedro Nunes, que lhe tinham feito grandes serviços.

O auctor do Elucidario, depois de varias considerações sobre se o modio fôra tambem moeda, como era medida, inclina-se á opinião de que os modios ou alqueires de pão eram synonymos de soldos; e que sendo o soldo o preço regular de um alqueire de pão, tanto valia dizer *soldos* como *modios*.

■ Fiquemos n'isto, e concordemos que D. Affonso Henriques não foi muito exigente. Os serviços dos seus quatro amigos sempre valeram alguma coisa... Se então se vendia

um cavallo por 250 modios, e uma mula por 300, não foi grande exorbitancia exigir 200 pelo privilegio concedido ao nosso mosteiro, já que não coube no animo do generoso monarcha fazer a graça *de graça!*...

Em virtude d'este privilegio, elegia o Prior do mosteiro o Juiz do Couto, e lhe passava carta de Ouvir; o que foi confirmado por varios reis, como D. João 2.º, D. João 3.º e D. João 4.º.

Concedido primeiro este privilegio aos priores castreiros, passou depois para a Ordem de S. Domingos, como veremos.

#### IV

D. Sancho I concedeu a este mosteiro o privilegio de não pagar colheita a El-Rei, o que foi confirmado pelo seu successor, como diz o Elucidario: «D. Affonso II estando em Guimarães no dia 7 de Junho do anno de 1219, com sua mulher a

Rainha D. Urraca, e seus filhos os infantes D. Sancho, D. Affonso, D. Fernando e D. Alianor, confirmou ao mosteiro de Mancellos a izenção, que seu pae lhe concedera, de não pagar colheita a El-Rei.» Existio o documento original no Convento d'Amarante.

Dá esta noticia a proposito da descripção do sello usado pelo monarcha.

Colheita era certo fôro ou pensão, que os vassallos pagavam ao principe ou senhorio, quando este vinha á terra, uma vez cada anno; e não vindo, não lh'a pagavam. Porém, com o rodar dos tempos, foi-se introduzindo o costume de a pagarem, ainda que não viesse pessoalmente o senhorio.

Em 1514 foi D. Manuel auctorizado pelo Papa Leão X, a lançar aos mosteiros e, não chegando, ás Egrejas parochiaes do real padroado, uma contribuição de 20:000 crusados,

para com elles dotar os commendas que bem lhe parecesse.

O mosteiro de Mancellos foi um dos que concorreu com a sua quota, para esta contribuição. Na executória da Bulla chama-se: Mosteiro de Manzellos, da Ordem de Santo Agostinho.

Das rendas dos mosteiros só se apuraram 12:254 crusados. Esta Bulla foi revogada, quanto aos mosteiros, no anno seguinte de 1515, continuando a vigorar quanto ás Egrejas parochiaes.

## V

Foi annexo a esta Egreja o mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo, com a ermida de S. Miguel de Freixo de Cima; o qual foi fundado pelos annos de 1110, por D. Goltinha Godins, mulher de D. Egas Hermiges, o Bravo. Foi mosteiro de Conegos regulares de Santo Agostinho, e depois com a dita ermida ficaram curatos, que passaram a ser apresentados pelo convento d'Amarante, por doação de D. João 3.º, quando lhe uniu este de Mancellos.

Actualmente do mosteiro de Freixo existe só uma parte, que serve de residencia parochial.

A Egreja e a torre quadrada e acastellada, conservam-se em bom estado. Consta-me que entre os conspicuos membros de uma Junta de parochia, já foi aventada a luminosa ideia de demolir a torre!...

Felizmente não teve seguimento tal profanação.

Parece que a Egreja teve Galilé, que presentemente não existe.

Este mosteiro é, como vimos, um dos incluidos na Bulla de Calixto II, bem como o de Tolões, cuja freguezia confina com esta de Freixo.

(Continua.)

P. JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

## Os Papas de Avignon

### I

Muita gente falla dos Papas de Avignon, e do grande scisma do Occidente, e todavia não são geralmente bem conhecidas as causas d'esse facto, nem tão pouco a biographia mais ou menos accidentada dos Papas que no longo decurso de 68 annos desde 1309 a 1377 tiveram a cadeira de S. Pedro na velha cidade do Rhodano.

Resumidamente vamos occuparnos d'esse assumpto, começando por fallar de Fillippe IV o Bello, rei de França, que foi o causador de todo esse movimento.

Era Fillippe IV filho de Fillippe III o Ousado e d'Isabel d'Aragão, tendo nascido em Fontainebleau em 1268. Seu pae depois das celebres *Vesperas sicilianas*, occorridas em março de 1282, e em que os sicilianos fizeram grande mortandade nos francezes, cançados da tyrannia do seu dominio, havia atacado Pedro III d'Aragão, que os sicilianos tinham escolhido para rei, em opposição a Carlos I, conde d'Anjou e rei de Napoles. Mas Fillippe IV seu filho não tomou grande parte n'esta guerra, quando em 1285 subiu ao throno de França, por morte do pae. Tratou mas foi de se apoderar dos grandes feudos de Guyana e de Flandres. O primeiro feudo pertencia a Eduardo I, rei de Inglaterra, que tambem se condecorava com o titulo de duque de Guyana. Em 1293, aproveitando-se d'uma rixa que se dera entre alguns marinheiros normandos e gascões, apoderou-se da Guyana, o que deu em resultado uma guerra entre a França e a Inglaterra. Fillippe IV tinha por alliados os escossezes e a Alberto I duque d'Austria e imperador da Allemanha, emquanto que Eduardo I se havia alliado aos flamengos e a Adolpho de Nassau.

Foi escolhido para arbitro n'esta contenda o Papa Bonifacio VIII, que os reconciliou em 1299. Mas tendo Roberto II d'Artois, tio de Fillippe, batido os flamengos em Furnes no anno de 1297, aproveitou-se Fillippe o Bello d'esta victoria, para acabar de conquistar Flandres em 1300.

Mas esta aquisição foi tam duradoura como a de Guyana, porque os flamengos não podendo soffrer a tyrannia do governador Jacques de Chatillon, immolaram a guarnição de Bruges, em 1302, e derrotaram a nobreza franceza em Courtray. Apesar de derrotados em 1304, em Mons-en-Puelle, por Fillippe IV, concluíram todavia um tratado em que Flandres era restituído á casa de Dampierre, da qual Guy, o seu ultimo representante fôra aprisionado no Louvre, não ficando ao rei, senão a Flandres franceza (Lille, Douai, e Orchies).

Passava-se isto em 1305.

Mas a dupla lucta que Fillippe IV sustentou com os dois estados, durante 12 annos, esgotou as finanças publicas, e o rei viu-se obrigado a exigir grandes tributos de que não escapou o proprio clero. Este queixou-se ao Papa, e Bonifacio VIII que então presidia á Egreja Universal, expediu a celebre bulla *Clericis laicos*, que exasperou Fillipe IV. E não podendo então fazer mais nada, contentou-se em prohibir formalmente que levassem dinheiro para Roma.

E como o Soberano Pontifice nada retorquisse, ficou por aqui a questão.

Mas, pouco tempo depois, o rei prendeu o legado-pontificio, Bernardo Saisset, bispo de Pamiers, e mettu-o em processo. De novo reclamou o Santo Padre, expedindo a bulla *Ausculta, fili*, que mais e mais fez exasperar o rei.

Chegaram as coisas a ponto que o rei, apezar de ser neto de S. Luiz, recentemente canonisado, falsificou a bulla, e apresentou-a aos primeiros estados geraes, reunidos, na Egreja de Nossa Senhora de Pariz em 1302.

Bonifacio VIII vendo que o rei, em vez de se submeter, mais se inflammava, ameaçou-o com a excommunição, e depois pela bulla *Unam sanctam*, ameaçou mais directamente o rei, que provocou a reunião d'um concilio geral em Lyon, para julgar o Sagrado Pontifice Bonifacio VIII!

E isto passava-se entre um rei catholico, e o Summo Pastor da Egreja, que de mais a mais lhe havia canonisado solemnemente o avô, seis annos antes, já depois de ter publicado a primeira bulla reprehensiva, *Clericis laicos!*

E para melhor conseguir os seus malditos desejos, encarregou Nogaret, um dos seus legistas, para que, acompanhado de algumas tropas, fosse a Anagni, onde estava o Summo Pontifice, e o raptasse, trazendo-o para Lyon.

Guilherme de Nogaret, chanceller de Fillippe o Bello, era neto d'um heretico albigenese, que morreu impenitente, queimado n'uma fogueira. E foi um homem com taes precedentes que o neto de S. Luiz escolheu para dirigir os destinos da França! Enobrecido pelo rei que sympathisou com elle—*similis cum similibus facile congregantur*—quem melhor do que elle se poderia encarregar da missão de ir á Italia insultar o Summo Pontifice, e trazel-o prisioneiro para França?

Chegado a Roma, não encontrou ahi o venerando Pontifice, porque estava em Agnani, cidade dos Estados Pontificios, (onde nasceu o actual Pontifice Leão XIII); mas, ligando-se a Sciarra Colonna, membro d'essa poderosa familia romana, cujos membros tanto se salientaram contra Bonifacio VIII, e contra a nobre familia dos Orsini, foram a Agnani, ondeprehenderam o veneravel ancião, chefe da Egreja Romana, e Vigario de Jesus Christo, na terra, que então contava 75 annos, e era um modelo de sciencia e de virtudes.

Esta vilissima affronta effectuou-se em Setembro de 1303. Bonifacio abandonado dos habitantes e dos pro-

prios cardeaes, que tiveram medo da arrogancia dos francezes, foi indignamente ultrajado, chegando o impio Colonna a ferir o no rosto, e depois preso á ordem de Fillppe IV de França. Elle, um rei, preso nos seus proprios estados, á ordem d'um monarcha estrangeiro!

Mas voltando a si, o povo romano, envergonhado da sua primitiva fraqueza, revoltou-se contra o jugo estrangeiro, e libertou o Pontifice, que voltou novamente para Roma, onde falleceu no mez seguinte (11 d'outubro de 1303), em consequencia dos fermentos e maus tractos que tão impiamente recebeu.

Voltou para França Guilherme Nogaret, orgulhoso da sua epica façanha, e foi ricamente recompensado por Fillippe IV, que o confirmou no seu elevado cargo, executando elle, por sua parte, todas as despoticas medidas ordenadas pelo seu rei e bemfeitor, taes como a expulsão dos judeus, a alteração do systema monetario, a condemnação e extinção dos Templarios, etc.

Foi servilmente obediente, mas foi reconhecido, porque Deus, na sua incomprehensivel justiça, costuma unir os maus, para castigar os bons, antes de serem elles proprios castigados, quando comparecerem no tribunal da sua omnipotencia.

Tripudiou o rei e a sua malevola côrte, que se fartou de perseguir a memoria do infeliz Pontifice, com um encarnicamento verdadeiramente inqualificavel.

E note-se que a Igreja deveu grandes serviços ao Papa Bonifacio VIII, que a governou durante 9 annos, desde 1294 até 1303, continuando em 1298 a collecção das *Decretas* que havia sido principiada por Gregorio IX em 1234, e publicando o seu importante Codigo, que sob o nome de *Sexto*, encerra 250 capitulos ou decisões proprias d'elle, Pontifice, além de 88 regras de direito, extrahidas na sua maior parte ao Direito romano (4).

(Continúa).

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Primavera e naturalismo

Satyra á poesia moderna

Primavera!

Este nome bemdito  
Não vos dá nervosismos, tremuras?  
Não vos sôa qual tom exquisito  
Que relembra e desperta doçuras  
Como o nome da patria ao proscripto?  
Não vos despe pezares e amarguras?

Mui por certo. Se é moda hoje em dia!  
Eu tambem já me alei n'esses raptos.  
Era um triste. Só tinha alegria  
Quando, em turba com mil mentecaptos,  
A's montanhas fragosas subia,  
Por cantar essa Maga entre os mattos...

Quando a terra despindo a tristeza  
Dos invernos prosaicos e duros,  
Começava a vestir-se á franceza,  
A sorrir pelos valles e muros...  
Era ver-me a insolente afouteza  
E a jactancia de amores impuros!

«Bella Fada—dizia—, gentil!  
Seductoral de encanto sem par!  
Quando, toda enfeitada de abril,  
Nosso espirito a sente chegar,  
Que alto anhelô o perturba, febril,  
De a abraçar... loucamente... abraçar!...

E' formosa como ó Anjo da luz!  
Olhos meigos, ardor e candura;  
Lábios ternos fallando em Jesus!  
Riso amavel, que fere sem cura!...

Oh, meu Deus! se na vida tal cruz  
Vós me derais; depois... sepultura!...

Trocaria os tormentos atrozes  
E as torturas dos odios do inferno;  
Trocaria os esgares ferozes  
Dos Archanjos malditos do averno...  
Por ouvir de taes lábios as vozes  
De um affecto acendrado e superno.

Que loucura: uma fada! uma esphinge!  
Um phantasma da mente! uma ideia,  
Como laço de seda, que cinje  
Dos poetas o cerebro, a veia,  
Mas que o mundo real não attinge!  
Um doente! avejão! centopeia!

Quando penso nas horas que, extatico  
No admirar dos encantos da *Bella*,  
Eu passava, semi-sorumbatico,  
Alongando os olhares á janella...  
Quanto ao mundo insensivel, apathico...  
Pondo amores só n'*Ella*... só n'*Ella*...

Quando penso que, mal despontavam  
Os alvôres de um dia de abril,  
E as campinas louças começavam  
A soltarem seus canticos mil—  
Logo as cordas d'esta alma vibravam,  
Por cantarem amores de funil...

Sinto anhelos terriveis, furiosos,  
De arrojarmos nos pégos do nada,  
A encobrir meus opprobrios mestosos,  
A esconder minha mágoa ferrada;  
Que, nas faces, me saltam turvosos  
Os cachões da vergonha enfreada.

Tanto tempo perdido por vão  
No adorar de uma sombra, um occaso,  
Que puz d'alma no altar, qual pagão!  
Rebaixar-me a fúria do Parnáso!

E' que... um dia morreu-me a illusão  
Esperae: vou contar-vos o caso.

I

Chegava a encantadora, formosa primavera;  
Ornavam-se esses valles de floridos matizes,  
Tapetes de verdura, para a *Fada* pizar,  
Quando d'alem viesse, coroada de festões,  
Visitar o occidente, toda doces carinhos.  
Pairavam n'esses ares brizas revificantes,  
Suspirosas, suaves, como a terna Esperança.  
A natureza triste parecia acordar  
De um somno mui pezado para a luz da alegria:  
Por toda a parte annuncios de bellas alvoradas,  
Preludios de harmonias no ceu, na terra e ar.  
Como larva hedionda, que do ovario surgindo  
Se volve em borboleta de mil cores iriada,  
Assim a natureza no mysterioso enlevo  
D'aquella hora bemdita que vos estou contando.

N'esse momento, pois, em que o chiqueiro immundo,  
A escoria dos planetas que todos habitamos  
(Por contrariar espasmos, avanço a demazia)  
Vaporisava aromas e vicejava flores...  
Deixando o abafamento do meu quarto de estudo  
Anhelando aspirar as sãs emanções  
D'esse mundo abraçado pelo mar da fina essencia  
Das rosas e jasmims que da janella eu via—  
Rompi para a campina nas ancias do asthmatico  
A quem a morte horrivel assusta na asfixia;  
E fui para a montanha, por hymnos dedilhar,  
Nas cordas da Poesia que n'alma tinha infusa,  
A linda primavera cuja ditosa vinda  
Os ceus annunciavam na exultação dos canticos:  
A' *Fada* encantadora cuja imagem por sonhos  
Ha mezes entrevia, n'um delirio febril  
De mancebo que a virgem espera no deserto,  
Onde em mil juramentos seu amor acendrado  
Mais uma vez ainda manifestar-lhe vae...

Subi. Chegado ao cimo do monte alcantilado,  
Contemplei o universo luxuriando encantos  
No génesis formoso da nova criação,  
E disse, olhando ao longe a *Maga* do Ideal  
E pompas faustosissimas da natura em flor:  
V—MCM.

OSCAR LUSO.

## Milicia Christã

2.ª PARTE

L

O jornalista catholico

Tu, da verdade nos estensos ambitos,  
Contra outros ventos e maré lutando,  
De dia a dia vás sublimes meritos  
Accumulando.

Por desfazer erros, que na mente lavram,  
Dos que não sabem evitar escolhos,  
Que lhes levantam os que buscam, discolos,  
Os seus antolhos.

Os que não buscam, rectidão, justiça,  
Nem liberdades, que proclamam bellas:  
Mas a riqueza e tyrania efatica,  
A' sombra d'ellas.

Tu com a penna bem mergulhada  
Na verdade pura, e com o pulso forte  
Vás preparando, para as classes todas,  
Bem melhor sorte.

(4) Este notavel codigo foi publicado com commentarios, em Mayencia, em 1465 por Andrea; em 1743 por Boehler; e em 1839 por Richter no *Corpus juris canonicum*. Veja tambem o leitor curioso a *Vida de Bonifacio VIII* escripta em 1847 pelo rev. Padre Tosti.

Porque descobres o maldito enredo,  
Dos que mentindo sem pudor, nem tregoa  
De nós escondem o veneno infame,  
Que vés á legoa.

E clamas alto, remarcando o dolo  
Da falsidade, da malícia humana,  
Que das paixões, contra a razão, o triumpho  
Pretende ufana.

E defendendo, quanto podes, sempre  
Dos innocentes essa paz augusta,  
Que bem merece muita gente nossa,  
Na fé robusta.

E, proclamando da justiça austera  
Os são principios da razão humana,  
O teu talento, com razão, do merito,  
Que tem, se ufana.

E, memorando nossa patria historia  
Fazes que o sangue, referendo nobre,  
D'antigas eras o vigor e a vida  
Assim recobre.

Na brecha sempre a defender os foros  
Da Igreja santa, de Jesus erario,  
Repleto sempre com os grandes meritos  
Do seu calvario.

A Igreja livre, como Deus o manda,  
Escrava triste quando o mundo infame  
A quer fazer, tu, não consentes, nobre,  
Tanto vexame.

Desenrolando d'essa mãe a historia,  
Ao mundo dizes, o que o mundo deve,  
A quem o mundo, como vil ingrato,  
Calcar se atreve.

Assim luctando corajoso athleta  
O sangue aqueces, quando a penna agitas,  
Illustras, moves, para o bem, a muitos,  
Te nobilitas.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

### Supplica a Maria

#### No mez que lhe é consagrado

Rainha do pudor, da castidade,  
E da dedicação summo exemplar;  
Mãe de misericordia e piedade,  
Guarda da honra e protecção do lar:

Disse o teu grande e santo apologista  
Que nunca a ti ninguém recorre em vão:  
Teu potente favor, pois, nos assista;  
Do catholico mundo ouve a oração.

Lucta do erro a sombra tenebrosa  
Da fulgente verdade contra a luz;  
Forceja a impiedade cavillosa  
Por derribar a immensa obra da cruz.

Do povo a via dolorosa e rude  
Percorre o monstro horrivel e mordaz;  
Busca n'elle extinguir crença e virtude,  
Resignação, conformidade e paz.

Os ardis seus dirige, fementidos,  
Aos pobres, ao artifice á mulher,  
Aos pequenos, aos fracos e opprimidos  
Por quem não serve a Deus e escravos quer.

O canto vil da perfida sereia  
Dos que soffrem penetra os corações,  
E torna a plebe pervertida e atheia  
Mar revolto de tetricas paixões.

N'elle referve a furibunda inveja,  
O egoismo cruel, a cupidez;  
Dos odios, do rancor a onda negreja;  
Surge de sangue e ruínas a avidez.

As desordens horrendas, vergonhosas,  
Que dos costumes depravados vem;  
As orgias infandas, ascorosas,  
Que a morte e a perdição em si contém.

Usurpam da familia os puros gozos,  
Alegrias tocantes, casto amor,  
—Aquelles quadros candidos formosos,  
Que os anjos encantavam do Senhor.

Ouves, *Maria*, os furiosos gritos  
Dos impios, dos fanaticos do mal,  
Quaes os clamores dos judeus precitos  
De Pilatos em torno ao tribunal?

Não outros o romano povo erguera,  
Sequioso do sangue do christão,  
Com que do circo os ambitos enchera,  
Qual enorme, terrifico trovão.

Senhora, tu que tens junto do Eterno  
Infundo valimento e gran poder,  
Roga-lhe que não deixe a voz do inferno  
No fido Portugal prevalecer.

Não lhe peças que o raio seu incida  
Sobre os inimigos da sua santa lei;  
Que, como ao duro povo deitada,  
Os disperse, sem patria, odiosa grei.

Nem, como outr'ora á corrupção latina,  
Que os abandone ao barbaro feroz,  
Spargindo em toda a parte morte e ruina,  
—Assolador tufão, flagello atroz.

Mas que converta a Si, lhes purifique  
O hoje, derrancado coração;  
Que na alma lhes penetre e fructifique  
O pensamento salvador, christão!

A. MOREIRA BELLO.

## A Peregrinação portugueza

(DO NOSSO CORRESP. ESPECIAL)

Roma, 17 de maio de 1900.

Meus caros amigos

Chegado finalmente a Roma, vou dar-lhes uma breve noticia de tudo quanto de mais importante succedeu á peregrinação portugueza.

Como sabem, partimos d'essa cidade no dia 12 de maio ás 10 horas e um quarto. Eram 14 carruagens, além da carruagem salão, em que ia o prelado.

Mal o comboyo chegou a Vallongo, uma grande recepção nos esperava, na *gare*. Todas as auctoridades, grande numero de pessoas gradadas do concelho, muitas senhoras, e uma innumeravel quantidade de povo, tudo isto agglomerado, juntamente com uma banda de musica nos attraheu a attenção. O snr. D. Antonio

Barroso, foi alvo d'uma delirante manifestação que tambem se estendeu a todos os peregrinos.

Antes de chegarmos á Barca d'Alva, pelas alturas do kilometro 146 do caminho de ferro do Douro, tivemos uma paragem d'uns cinco minutos, e não faltou susto aos passageiros, porque andavam os operarios fazendo umas manobras na linha, por causa da remoção d'uns postes, e estava um, pesadissimo, de ferro, atravessado sobre a linha. O que valeu foi fazerem signal a tempo, por que, do contrario, haveria a estas horas a lamentar uma grande desgraça, de que haveria victimas, e talvez eu fosse uma d'ellas, e n'esse caso ficaríamos os meus amigos sem esta humilissima carta.

Na Barca d'Alva fomos tambem muito bem recebidos, e no dia 13 estavamos em Burgos, a velha cidade hespanhola, sede do arcebispado de Castella Velha. Chegamos de manhã, e fomos agradavelmente surpreendidos com a esplendida recepção que tivemos. Auctoridades civis e ecclesiasticas e um innumeravel concurso de povo nos veio esperar á *gare*. E por entre duas alas de povo seguimos para a igreja do novo seminario, onde, por ser domingo, careciamos d'ouvir missa. O snr. D. Manoel, arcebispo de Braga, foi o celebrante, e os Rev.<sup>mos</sup> bispos do Porto, Bragança e Angra assistiram ao santo sacrificio da missa.

Em seguida á missa, dirijiram-se os peregrinos para o refeitório do seminario, onde lhes estava preparado o almoço, indo as senhoras almoçar a casa das Irmãs, e que ficava proxima do seminario.

Cahia então uma chuva miuda e incommodativa; mas apesar d'isso, tanto á entrada para o almoço, como á sahida estava grande multidão de povo á nossa espera, para nos saudar.

E nós dirigimo-nos para a *gare*, onde nos esperava o comboyo. Grande quantidade de gente, com uma musica e um orpheão nos esperava para nos dizer adeus.

E até então não tinhamos visto os peregrinos do sul, que trazendo em sua companhia o Em.<sup>o</sup> Cardeal Patriarcha e os Rev.<sup>mos</sup> bispos de Coimbra e arcebispo-bispo do Algarve, não acabavam de chegar.

Mas como o nosso comboyo tinha de partir, seguimos atravez da Hespanha, onde até á estação de Irun, fomos constantemente saudados pelos nossos irmãos hespanhoes, porque é preciso que o confessemos: em toda a Hespanha fomos esplendida e magnificamente recebidos. Honra lhes seja.

Chegados a França, paramos em Hendaye, e deixando os nossos carros, munimo-nos de bilhetes, para nos dirigirmos a Lourdes, que fica proxima (nos Altos Pyrneos), emquanto que Hendaye aldeia dos arredores de Bayona, fica nos Baixos Pyrneos.

Na segunda-feira 14, ás 7 horas da manhã, chegavamos á cidade da Santissima Virgem, á ridentissima Lourdes.

Não se imagina a alegria que todos sentimos, mal avistamos a Basilica. Houve quem dentro do comboyo se ajoelhasse, adorando a meiga Advogada dos peccadores, e de todos os peitos sahiu um grito unanime: Viva a Virgem de Lourdes!

Mal o comboyo entrou nas agulhas, fomos para os hotéis, e, coisa miraculosa! apezar de termos passado duas noites e dois dias em comboyo, (exceptuando as 3 horas em que estivemos em Burgos), todos estavamos frescos e de perfeita saude.

Chegado cada qual ao lugar que lhe estava destinado, mal teve tempo de mudar de roupa e seguir para a gruta, pois que ás 8 horas estava a dizer missa o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Francisco, bispo de Angra do Heroismo. Em seguida paramentou-se e disse missa o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio, bispo do Porto, e logo a seguir o Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manoel celebrava missa na Basilica.

Estava o snr. D. Antonio Barroso a celebrar missa na gruta (seriam 9 horas da manhã) quando ouvimos silvar uma locomotiva e logo nos lembramos dos nossos patricios de Lisboa. E eram elles effectivamente que chegavam! Logo do comboyo nos acenaram, choios de alegria, com os seus lenços brancos!

Desembarcando os peregrinos do sul, encaminhou-se cada qual para os seus hotéis, vindo depois tambem ouvir missa á gruta miraculosa.

Ás 2 horas da tarde dirigiu-se o Cardeal Patriarcha do Hotel da Soleil para a Basilica, sendo acompanhado por todos os peregrinos.

Ás 4 horas devia sair a procissão do Santissimo Sacramento, mas, tendo começado a chover, fez-se a procissão no exterior da igreja do Rosario. Foi uma pena o contratempo da chuva, porque a procissão devia ser deslumbrante, pois que faziam parte, alem dos prelados e peregrinos portuguezes, grande quantidade de peregrinos francezes, suissos e allemães que aqui se encontravam!

Debaixo da umbella ia o Ex.<sup>mo</sup> Cardeal patriarcha, conduzindo a Sagrada Eucharistia.

Finda a procissão, um padre fran-

cez, guardião da gruta pediu a Sua Eminencia que abençoasse as pessoas presentes, especialmente os doentes, ao que o nosso bondoso prelado promptamente annuiu.

Já que falléi em doentes, direi que os peregrinos estrangeiros traziam muitos, e era um gosto vê-los com os braços abertos, em grandes extasis, pedindo á Virgem a cura dos seus amigos e parentes.

Apezar da chuva (porque chovia sempre copiosamente), organisou-se ás 8 horas da noite uma solemne *marche aux flambeaux* que desfilou da gruta para a basilica. Resou-se o terço, entoaram-se muitos canticos, houve um entusiasmo indisciplinavel.

Na gruta pregou o Rev.<sup>mo</sup> Conego Nogueira do Algarve, e pendentos dos seus labios estivemos todos durante uma longa hora.

Ás dez horas, findaram as ceremonias religiosas, toda a gente sahiu para a rua; e apezar de continuar chovendo, estava a basilica do Rosario exteriormente illuminada a luz electrica e a capinhos de côres, o que produzia um deslumbrante effecto.

Ás 8 horas da manhã do dia seguinte (quarta-feira), partiam os peregrinos do sul, e nós partimos meia hora depois.

Passamos por Toulouse, Narbonne, Marselha, Genova, etc., e eis-nos finalmente em Roma, onde chegamos hoje ás 9 horas da manhã. Todo o pessoal da embaixada do Vaticano, e muitos portuguezes estavam á nossa espera.

O Cardeal Patriarcha foi hospedar-se no convento de S. Francisco.

Até breve.

S.

### Roma 24 de maio de 1900

*Meus caros amigos.*

Ainda não foi possivel sermos admitidos á presença de Sua Santidade. Temos visitado varios templos d'esta cidade, tendo sido muito admirada a Igreja de Jesus, que é a principal dos jesuitas, e que encerra grandes preciosidades, e S. Lourenço *extra-muros*, onde está o tumulo do grande Pontifice Pio IX.

No dia 19 principiamos a visita ás basilicas, para lucrarmos as indulgencias do Anno-Santo. As 11 horas da manhã visitamos as basilicas de S. Pedro e de Santa Maria Maior, e ás 5 horas da tarde a de S. João de Latrão.

N'esse dia foram admitidos no Vaticano, em audiencia particular, os prelados e os membros das commissões diocesanas. Entre outras pessoas foram admitidos, os Exc.<sup>mos</sup> Condes e condessa de Samodães, Alberto Alvares

Ribeiro, Dr. Domingos Pinto Coelho, etc. Todos ficaram encantados com a bondade e o sorriso paternalmente amavel do venerando Pontifice Leão XIII.

Hontem effectuou-se com grande solemnidade a canonisação dos bemaventurados João Baptista de la Salle e Rita de Cassia, na presença do sacro collegio, do corpo diplomatico, da grandeza romana, e d'um grande concurso de povo.

Avaliem os meus amigos: só peregrinos estavam presentes cerca de 30 mil, entre portuguezes, francezes, italianos e allemães. Estavam presentes quarenta cardeaes, 300 bispos, e representadas todas as ordens religiosas.

Esta cerimonia que foi imponentissima levou muito tempo Sua Santidade de Leão XIII, depois de lido o decreto da solemne canonisação, entoou o «*Te-Deum*» e repicaram os sinos de todas as igrejas de Roma.

Em seguida Sua Santidade deu a benção solemne, elevado na sede gestatoria, foi acompanhado de longos e entusiasticos applausos, quando se dirigiu para o Vaticano. Augmentou o entusiasmo, quando passou pela casa da Confissão.

Só vendo-se; por que não se imagina a grandeza d'este acto verdadeiramente grandioso.

Vi Sua Santidade, e como os demais peregrinos, fiquei deveras commovido.

Está muito magro, mas aquelles olhos vivos, penetrantes, intelligentes não parecem pertencer a um ancião de tão propecta idade. E apezar das grandes recepções diarias que tem, acolhendo prelados e peregrinos, apezar de grande cansasso que devia sentir apoz a demorada solemnidade da canonisação, não se sente doente.

Para outra carta fica a solemne recepção dos peregrinos, que deve effectuar-se amanhã.

S.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### A resurreição da filha de Jairo

(Vid. pag. 121)

Um dia chegou Jesus ao paiz da Galilea. Em quanto Jesus fallava ao povo, um individuo chamado Jairo, que era um rabbino que presidia ás assembleas, e que tinha enferma uma filha de 12 annos, rompe por entre a multidão, e ajoelhando-se perante o Redemptor, pede-lhe que vá a sua casa, porque tinha a filha a expirar. Jesus segue-o immediatamente.

Quando, porém, iam em caminho, vieram dizer a Jairo, que a filha tinha expirado.

Mas Jesus acompanha o Rabino a sua casa, e, tendo chegado, mandou retirar a todos, dizendo que não chorassem, pois que a menina estava a dormir, não estava morta.

Retirando-se todos entra Jesus no quarto onde estava a fallecida, apenas acompanhado do pae e da mãe, e pegando-lhe n'uma das mãos, mandou-a erguer-se, e ella resuscitou, ficando logo viva e sã.

\* \* \*

### Vocação de S. Matheus

(Vid. pag. 127)

Um dia Jesus, caminhando para as bandas do mar de Tiberiades, ia instruindo o povo.

E quando passava ao longo da praia, viu um homem chamado Matheus, que era conhecido pelo nome de Levi, filho de Alpheu, e que era publicano.

Estava sentado no telonio, para receber as contribuições.

E Jesus disse-lhe:

Segue-me.

E immediatamente o publicano largou tudo e seguiu o Redemptor.

Foi depois S. Matheus um dos apóstolos de Jesus Christo, e que apoz a sua morte escreveu um dos seus Evangelhos, aquelle que tenta demonstrar que as prophcias se realisaram na admiravel vida de Jesus.

## SECÇÃO NOTICIOSA

### Eclipse do sol

Conforme estava previsto, realisou-se esse admiravel e portentoso phenomeno astronomico, exactamente nas horas que estavam calculadas.

A's 2 horas, 6 minutos e 4 segundos, começava a disco da lua a perpassar por sobre a photosphera solar, do noroeste para sudoeste. A' medida que o nosso satellite se adeantava, o sol ia desmerecendo em brilho, de forma que, proximo do meio do eclipse, mais parecia luar o que allumiava a terra do que propriamente a luz do sol. A's 3 horas, 25 minutos e 19 segundos a lua encobriu completamente o sol, e a noite foi completa, apparecendo inumeras estrellas no firmamento.

Era então um imponente e grandioso espectáculo ver a lua, formando um disco negro cobrindo inteiramente o sol, e deixando apenas á nossa contemplação uma especie de auréola luminosa a contornar ambos os astros.

A's 4 horas, 36 minutos e 3 segundos volvia o sol ao seu primitivo brilho, desapparecendo de todo a lua da photosphera solar.

Bem dita e louvada seja a grandeza do Creador! Como Ella regula e dirige o curso dos astros, atravez da incomensuravel amplidão do espaço!

### Encyclopédia portugueza

Recebemos o primeiro volume d'esta esplendida publicação, o dictionario mais completo e curioso que se tem publicado em portuguez. Compõe-se de 55 fasciculos, e custa 5\$500 reis.

Esta publicação, moldada pelo notavel Dictionario Larousse, mas muito ampliado em tudo o que diz respeito a assumptos portuguezes, está sendo muito bem recebida, e realmente é de toda a justiça o acolhimento que lhe tem sido feito, porque o merece. Occupa-se, alem de tudo o que pertence a um dictionario completo da lingua portugueza, de tudo quanto possa interessar aos conhecimentos humanos, sendo collaborado por pessoas competentissimas, e de reconhecido merecimento scientifico e litterario. Pelo que toca a religião é da mais perfeita orthodoxia, bastando dizer-se que conta entre os seus collaboradores o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio Barroso, illustre e venerando bispo d'esta diocese.

O volume a que nos referimos abrange toda a letra A e parte da letra B., tendo numerosissimas gravuras.—29:893 artigos e 943 figuras.

Publicou-se tambem o fasciculo 56 (1.<sup>o</sup> do 2.<sup>o</sup> volume). Comprehende 16 figuras e 428 artigos que vão desde *Bellani a Benavente*. D'entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo citaremos: *Bellas Artes* do snr. Manoel Ramos; *Belligerante* do snr. dr. Adriano Anthero; *Bembe* do snr. Nuno Queriol, e *Bemfeitoria* do sr. dr. Domingos Ramos.

Cada fasciculo custa, por assignatura, 100 reis., publicando-se cinco em cada mez. Assigna-se nas principaes livrarias, e no escriptorio da empresa Lemos & C.<sup>a</sup> Largo de S. Domingos n.<sup>o</sup> 63—1.<sup>o</sup> andar.

Agradecemos o exemplar com que fomos mimoseados.

### Trabalho artistico

Na camisaria modelo, á praça de D. Pedro, tem estado exposto um trabalho que honra sobremaneira a industria nacional. Referimo-nos a um trabalho em prata, feito pelo snr. Carlos Americo Monteiro, que tendo apenas 16 annos d'idade, é já um artista consummado.

O trabalho a que nos referimos, feito na officina de ourivesaria do Snr. João Joaquim Monteiro, sita na rua do Bomjardim, representa um prato oval de prata, prefeitamente bem cinzelada, representando um quadro em que se vê Panurgio, rodeado de carneiros, e Orpheu o musico de que a mythologia fez uma deidade.

E' o que se chama uma obra d'arte.

Um dos nossos collegas d'esta cidade, referindo-se a esta obra, chama-lhe um quadro mythologico. Não é. Panurgio é uma criação imaginaria de Rabelais, que viveu no seculo XVI, quando a mythologia estava um pouco desacreditada. E todos sabem que esse Panurgio era um personagem do celebre romance *Pantagruel*, e tornou-se notavel pelo facto de ter, durante uma viagem que Pantagruel fez ao paiz das Lanternas, atirado ao mar um carneiro de Dindenaut, para se vingar d'uma questão que tivera com elle. Os carneiros, *por espirito de imitação*, saltaram todos á agua, um atraz dos outros, sendo o proprio dono arrebatado pelo ultimo, quando se esforçava para o deter a bordo.

### Catholicismo de Perseverança

Recebemos o fasciculo n.<sup>o</sup> 64 d'esta importantissima publicação. Pertence já ao volume 7.<sup>o</sup> da immortal obra de Gaume, o talentoso auctor do *Catholicismo na educação*, do *Manual dos confesores*, das *Trez Romas*, etc

Continua a receber-se assignaturas em casa do editor, o snr. Antonio Dourado, nos Passeios da Graça, ensando cada fasciculo 100 rs.

Agradecemos o fasciculo recebido.

### Infante D. Henrique

Está concluida a fundição da estatua do egregio infante, assim como a das allegorias que hão de ornamentar o monumento, levantado em frente á Associação Commercial d'esta cidade. O esculptor Thomaz Costa deve enviar a estatua, assim como os restantes accessorios para o pedestal, no principio do mez de julho. Em seguida procede-se á inauuração solenne do monumento.

Consta que por essa occasião realisará a commissão lusidos festejos.

### Moedas de prata

Tendo em breve de começar a andar em circulação as moedas de 100 reis e de 50 reis de nikel, publicou o *Diario do Governo* de 19 de maio um decreto com data de 17, determinando que até o dia 31 de julho podem ser trocadas nas agencias districtaes do Banco de Portugal as moedas do mesmo valor, em prata, que deverão, conforme a disposição dos artigos 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> da carta de lei de 21 de julho de 1899, ser convertidos em moedas de 1\$000 reis.

Só pois, até ao dia 31 de julho do corrente poderão andar legalmente em circulação as moedas de prata de 50 reis e de 100.